

Sarney não revela seu projeto político

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Qual o projeto político do presidente José Sarney? Seu programa de governo está equacionado e impulsionado, desde a opção pelo social, as reformas econômico-financeira, agrária, administrativa e urbana, bem como seu respaldo à convocação da Assembleia Nacional Constituinte e ao completo ordenamento jurídico-institucional do País, além da posição de defesa de nossa soberania, adotada com relação à dívida externa, mas e o seu projeto político?

Por incrível que pareça, nem os ministros mais chegados ao presidente se animam a prever, ainda que muitos, diante da dúvida, lhe façam sugestões e arrisquem opiniões. Mesmo diante dessas propostas, ele se mantém silencioso. Não avança e não mostra mais do que ouvidos atentos, quando o assunto é colocado.

Pretenderia Sarney ver formado um novo partido capaz de atuar em favor da Nova República em termos mais concretos do que a esfacelada Aliança Democrática? Imaginaria reforçar a base de apóio partidário de sua administração através da eleição de alguns governadores-chave, nos principais Estados? Admitiria permanecer no exercício de uma liderança específica depois de concluído o seu mandato? Preferiria quatro, cinco ou seis anos para o seu período de governo? Montaria um esquema político de centro, de centro-esquerda ou cederia a injunções oriundas de outros segmentos? Que tipo de nova Constituição ele imagina para o País? Genérica, apresentando apenas princípios gerais que a lei mais tarde irá definir? Detalhada, à maneira da tradição constitucional latino-americana? Reformista, em essência, ou moderada, por cautela? Com relação à Igreja, seus planos envolvem aproximação ou distanciamento? Diante das Forças Armadas, buscaria cada vez mais sua cooptação? Frente ao empresariado, reservaria surpresas capazes de desgostar ou de agradar? E ao movimento sindical, do qual se mantém um tanto afastado?

O rol das indagações tomaria uma página inteira e permaneceria sem respostas objetivas, pois quem pode dá-las evolui de maneira quase getuliana, emitindo tênues sinais ora para um lado ora para outro. Ainda que, inegavelmente, avance cada vez mais em seu diálogo com a Nação. Sarney tornou-se popular, ganhou o respeito da sociedade, é elogiado e, em matéria de pesquisas, bate todos os antecessores, desde Deodoro da Fonseca. Para onde, no entanto, dirigirá o potencial político dessa evidência? Pretenderá, pelo menos, eleger o sucessor, estando por isso ocupado na montagem de alguma estratégia específica?

O irônico de tudo é que ninguém sabe. Nem mesmo Marco Maciel, o seu auxiliar mais próximo. Nem sequer quem, pela tradição do passado, deveria saber de tudo — o general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI. Ulysses não tinha a resposta, antes de adoecer; Guilherme Palmetra, presidente do PFL, também não.

Até a reforma do Ministério, ainda que sem abrir a guarda, o presidente conversava sobre política

num restrito círculo de relações. Marco Maciel (então ministro da Educação), Jorge Konder Bornhausen (na época presidente do PFL), Antônio Carlos Magalhães, Aluizio Alves e mais alguns ministros privilegiados, sempre que a ocasião se apresentava, conseguiam horas descontratadas de trocas de opinião e busca de roteiros políticos. Pois essa fase passou. Envolvido com a rotina quase absurda de suas funções administrativas no Gabinete Civil, Maciel hoje conversa muito menos de política com o presidente do que antes. É claro que no final dos despachos sempre haverá algum tempo, mas a proporção caiu de maneira sensível. O mesmo se dá com Bornhausen, cujos encargos à frente da Educação tomam a quase totalidade de seu tempo e de seus despachos. Antônio Carlos Magalhães, Aluizio Alves — todos eles dispõem, hoje, de menos condições do que antes para encaminhar diálogos no rumo da política propriamente dita.

O que conduz à dúvida maior: o presidente Sarney possui realmente um projeto político? Mesmo disposto a deixar a vida pública após o término de um mandato, cujos limites são por enquanto desconhecidos, trabalharia em algum molde ou figurino, capaz de transcender seus interesses pessoais? Ou, possuindo esse projeto, imaginaria mantê-lo tão secreto a ponto de nem seus companheiros mais próximos o conhecerem?

Não se cometerá a injustiça de supor o presidente adotando o modelo de um de seus interlocutores desta semana, o prefeito Jânio Quadros, cujo projeto político de perpetuar-se no poder, de tornar-se um presidente autoritário ou coisa pior, felizmente acabou malogrando, porque nem a seus líderes ele comungou a renúncia inexplicada. Sarney não tem impetus de fechar o Congresso e, se pensa ver a Constituição mudada, é para melhor. Seu passado, em tudo e por tudo, difere do passado do renunciante de agosto de 1961, havendo entre eles uma única semelhança: fecha-se em copas o presidente de hoje, como o presidente de 25 anos atrás. Não abre a guarda e não permite a ninguém saber o que pretende, politicamente, do alto de inegável prestígio popular. Também, não parece ser daqueles que deixam como está para ver como que fica, imaginando valer-se de circunstâncias benéficas e de altas doses de apego ao poder. Estará preocupado com a desagregação partidária, mas não dá sinais de querer a formação de uma nova legenda. Repete a importância de possuirmos uma nova Constituição, mas não revela o perfil idealizado para ela, nem sequer o sistema de governo que deve vigorar. Interessa-lhe não ver em ascensão adversários do tipo de Leonel Brizola e de Luís Ignácio da Silva, mas proíbe seus correligionários de rebater provocações, de hostilizá-los e evita pronunciar-se em favor dos que poderiam batê-los nas urnas de novembro.

Em suma, uma incógnita, uma esfinge a ser decifrada pelos próprios amigos, pois a última conclusão a tirar parece a de que um político com mais de 30 anos de experiência, elevado ao posto supremo da Nação, careceria de um projeto político efetivo e pormenorizado.